

## Introdução

# Os olhares do *Outro* sobre as trajetórias e autorreflexões em comunicação

ELIZABETH SAAD<sup>1</sup>

ENEUS TRINDADE<sup>2</sup>

ROSELI FIGARO<sup>3</sup>

A oportunidade da realização do *II Seminário Nacional de Epistemologia da Comunicação*, como uma sessão prévia ao *XIV Congresso Ibero-americano de Comunicação – IBERCOM 2015*, partiu da constatação necessária sobre a atualização dessa discussão, num espaço reflexivo que considerasse os avanços da área no intervalo de uma década após a realização da primeira edição deste evento em 2005, bem como o resgate do estágio atual dos debates crítico-reflexivos sobre as conformações e os embates do campo comunicacional. A referência para tal empreitada foi a apresentação de 12 trajetórias de docentes destacados do campo e suas autorreflexões, considerando os percursos de formação, as trajetórias profissionais e as opções teórico-metodológicas para a pesquisa de cada convidado.

Nesse sentido, torna-se importante registrar que foi com grande entusiasmo que o Programa de Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Universidade de São Paulo (USP) acolheu, mais uma vez, o *II Seminário Nacional de Epistemologia da Comunicação*, desta vez sob o foco das *trajetórias autorreflexivas*.<sup>4</sup>

1. Professora Titular da ECA-USP, vice-coordenadora do PPGCOM – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP e Coordenadora do COM+ – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Jornalismo e Mídias Digitais – <<http://grupo-ecausp.com/commais/>>.

2. Professor Associado da ECA-USP, coordenador do PPGCOM – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP e Vice-líder do Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo – GESC3/CNPq.

3. Professora Associada da ECA-USP e Chefe do Departamento de Comunicações e Artes. Coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA/USP/CNPq.

4. O seminário anterior ocorreu em 7 e 8 de novembro de 2002, dentro do III Interprogramas

A perspectiva oferecida nesta introdução vai um pouco além do papel de uma mera apresentação e busca introduzir pelos olhares do *Outro*, aqui actorializados por pesquisadores do PPGCOM/USP que coordenaram as mesas deste *II Seminário*, os quais assinam este texto conjuntamente, buscando assim contribuir para um primeiro exercício reflexivo e interpretativo sobre os sentidos derivados do referido seminário. Trata-se de um diálogo intelectual que se estendeu para além das sessões do evento e que ganham corpo nesta publicação.

A primeira mesa do Seminário, coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth Saad, trouxe os pesquisadores Prof. Dr. André Lemos (Universidade Federal da Bahia), Prof. Dr. Francisco Rüdiger (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucia Santaella (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), para situar a temática *Percursos epistemológicos nas novas mídias*. Pode-se afirmar que esta não foi uma tarefa simples, pois não se trata apenas de introduzir a questão da epistemologia da comunicação frente aos novos aparatos midiáticos, mas também requer enfatizar um ponto central – também indicado pelas próprias trajetórias dos diletos pesquisadores aqui representados – acerca da requalificação do termo “novas” vinculado às mídias contemporâneas.

A digitalização que tanto referenciou o termo “novas” nos idos da década de 1990, quando da introdução das tecnologias digitais de informação e comunicação nos dispositivos midiáticos e nos meios de transmissão e distribuição da informação, é hoje, após mais de 20 anos de experiência coletiva e sociabilidade generalizada, um processo integrado e orgânico ao campo comunicacional.

Desta constatação, ao relatarmos sobre os percursos dos professores doutores André Lemos – *Da Engenharia à Comunicação*, Francisco Rüdiger – *Ciência, reflexão e crítica nos estudos de mídia* e Lucia Santaella – *Por uma epistemologia antidualista* – é o mesmo que apresentar aos leitores de seus textos este processo de integração e organicidade que o campo da comunicação assume a partir da irreversibilidade da digitalização das relações sociais, econômicas, artísticas, científicas e, para não dizer do humano como um todo.

Chama a atenção logo de início um ponto em comum entre os três pesquisadores: suas origens de formação multidisciplinar privilegiando um encontro favorável no âmbito de uma matriz de saberes muito típica do

---

da COMPÓS em realização conjunta com o PPGCOM-USP, e cujos textos foram publicados no livro *Epistemologia da Comunicação*, M.I.V.Lopes (org.). São Paulo: Loyola, 2003.

momento – as engenharias em suas diferentes vertentes; as ciências sociais – a filosofia, a sociologia em especial; e as diferentes expressões das ciências da comunicação, a linguagem, a literatura, a semiótica, as artes, entre outras.

Pensar a comunicação a partir do marco da digitalização é incluir em seu espectro de atuação a diversidade de conhecimentos e aportes teórico-metodológicos propiciados por perfis como os de André, Lucia e Francisco. Aqui, encontramos um segundo ponto em comum entre eles: suas escolhas e olhares com relação aos fenômenos comunicacionais – fenômenos estes em reconstrução contínua diante da transformação infundável das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, todos refletindo a tão necessária resiliência epistemológica destes tempos.

André Lemos tem seu olhar direcionado para os diversos fenômenos daquilo que entendemos por Cibercultura, e parafraseando o pesquisador, de forma não essencialista sobre o fenômeno técnico e por uma visão não estruturalista da vida social a partir da sociologia compreensiva e da sociologia das associações. Lucia Santaella avança, imprimindo um olhar em evolução contínua no qual a Ciência verdadeira evolui a partir de um estar permanente de metabolismo e crescimento. Francisco Rüdiger, por sua vez, construiu sua trajetória sob uma visão reflexiva da sociedade que ora vivenciamos, focando numa construção do saber para além do informativo e do burocrático.

Por fim, um terceiro ponto que temos a destacar entre os pesquisadores traz, ao mesmo tempo, aderências e divergências salutares. Hoje, por conta da já citada aceleração tecnológica irreversível, assistimos uma hibridação dos objetos comunicacionais de sujeitos para coisas, constituindo todo um novo cenário de sociabilidades homem-objetos-máquinas-homem-redes que exige mais um salto no embasamento epistemológico nos estudos de comunicação.

André Lemos e Lucia Santaella focam seus avanços a partir da TAR – Teoria Ator-Rede sustentada por Bruno Latour e outros filósofos de corrente de pensamento francês/europeu. Os textos aqui apresentados por eles sustentam os caminhos do não dualismo e do não cartesianismo necessários às bases epistemológicas da comunicação na contemporaneidade. Por outro lado, Rüdiger apresenta-se mais crítico com relação ao tema, posicionando-se como necessária uma visão questionadora acerca dos próprios conceitos de *episteme* e comunicação diante do momento transformador.

Podemos dizer que os percursos epistemológicos de André Lemos, Francisco Rüdiger e Lucia Santaella aqui relatados representam com muita competência e dignidade a necessária expansão de horizontes do campo da comunicação e sua oportuna centralidade na matriz de saberes da contemporaneidade.

A segunda mesa, coordenada pelo Prof. Dr. Eneus Trindade, trouxe a discussão na perspectiva de *Tradições epistemológicas do campo da Comunicação: três percursos*, tem-se em destaque a expressão do pensamento do Prof. Dr. Antonio Fausto Neto (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), Prof. Dr. José Marques de Melo (Universidade de São Paulo e Universidade Metodista de São Paulo) e Prof. Dr. Muniz Sodré (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

A autorreflexão é iniciada pelo Prof. Dr. Antonio Fausto Neto com o texto *Trajeto de pensar em companhia*. O autor apresenta seu modo de olhar para o campo da Comunicação, a partir do que ele denominou de “epistemologia da observação”.

Sua formação doutoral pela École de Hautes Études en Sciences Sociales de Paris na França, na área de Ciências da Comunicação e da Informação, a exemplo de outros pesquisadores que fazem parte desta obra, permitiu-lhe a construção de um olhar teórico que pode ser enquadrado pela tríade interdisciplinar da perspectiva sócio-semio-discursiva. É nesta perspectiva teórica que a mediação reguladora dos sentidos das mídias na vida social se faz emergir, na compreensão deste pesquisador sobre a comunicação.

Seus estudos, majoritariamente, filiados aos produtos jornalísticos sobre os acontecimentos e seus modos de presença na vida cotidiana, como também a cobertura de assuntos políticos e da comunicação na religião, possibilitaram, ao longo de cinco décadas, a consolidação de uma bagagem singular à compreensão dos processos midiáticos. Sua herança intelectual dá-se nas leituras e pelo profícuo diálogo com seus mestres e interlocutores, a exemplo do seu orientador e amigo, Prof. Eliseo Verón.

Tal construção teórica, na companhia de nomes que iluminam o seu percurso de conhecimento, centrada nos processos midiáticos, identifica a possibilidade de crítica e do reconhecimento das lógicas das mídias instituídas na vida social de seus sujeitos, por meio da compreensão da gramaticalidade dos processos discursivos midiáticos, considerada em seus recursos sócio-técnicos-discursivos, suas normas e estratégias. Desse

reconhecimento, nasce a “epistemologia da observação”, a partir da qual o autor oferece uma proposição teórica operativa da comunicação em que se identificam os processos inconclusos da midiaticização na vida cultural.

Antonio Fausto Neto se institui como sujeito pesquisador no campo que, ao mesmo tempo em que buscou seus caminhos teóricos para definição do campo comunicacional, também colaborou para a institucionalização política deste ao ser um dos membros fundadores da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação e criar o CISECO – Centro Internacional de Semiótica e Comunicação.

O segundo texto *Circunstâncias que marcaram o percurso de um Jornalista/Pesquisador pelo Campo das Ciências da Comunicação no Brasil (1965/2015)* do Professor José Marques de Melo, registra a contribuição de uma das figuras mais entusiastas e preocupadas com a institucionalização do campo da comunicação no país. Seu texto se refere à recuperação de suas memórias e experiências vividas, trabalhos de pesquisa seus e de alunos que, sob a égide do seu protagonismo ou do seu olhar, serviram à consolidação política do campo da comunicação, por suas abordagens teórico-metodológicas e seus objetos.

A autorreflexão deste pesquisador se pauta no sentido dado por Ortega Y Gasset, isto é, da compreensão do homem e suas circunstâncias. No caso de José Marques de Melo isso diz respeito a ele como sujeito agente na construção do campo comunicacional, desde a sua formação em comunicação na Universidade Católica de Pernambuco, quando contou com a orientação do emblemático Prof. Luiz Beltrão, à sua atuação como jornalista e que depois, já com doutoramento na Espanha sobre tema em Jornalismo, consolida-se na sua atuação como docente na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e, por fim, na Universidade Metodista de São Paulo em São Bernardo do Campo.

O foco institucional do campo sempre esteve e está no horizonte deste pesquisador. Seu legado se faz refletir na legitimação dos estudos em comunicação e de seus objetos como área de saber no âmbito de instâncias governamentais de financiamento da pesquisa e na criação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM, há 39 anos em atividade (entidade esta que se configura como a maior da área e que traduz toda a diversidade do campo).

A partir de sua autorreflexão José Marques de Melo representa um perfil de pesquisa em que o olhar emerge das práticas midiáticas em

direção à construção dos saberes da comunicação na cultura, constituindo-se como um dos sujeitos fundantes desta área no Brasil.

Por fim, *Um trajeto literário e conceitual* é o título dado pelo Professor Muniz Sodré para a sua autorreflexão. O pesquisador é autodidata em idiomas, com formação em Direito, Doutorado em Sociologia da Informação e Comunicação pela Université Sorbonne Paris IV, Professor Emérito da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, lugar onde construiu sua carreira docente, e ex-presidente da Fundação Biblioteca Nacional. Toda essa trajetória descreve um percurso profissional exemplar. Pode-se afirmar que Muniz Sodré é, sem dúvida, um dos maiores intelectuais do país e, sem demérito aos demais integrantes da obra, trata-se do grande intelectual da comunicação. O seu pensamento na área evolui da crença sobre as teorias das linguagens e discursos como lugar do pensamento comunicacional, em direção ao melhor sentido de compreensão na vida cultural, instituindo, numa perspectiva antropológico-cultural, aquilo que ele chamou de *bios midiático* e que culmina, mais recentemente, no olhar filosófico da comunicação como *Ciência do Comum*.

Este percurso, nada trivial, aponta para a maturidade de um intelectual que talvez tenha dado o melhor caminho de resposta ao que se poderia denominar de filosofia da comunicação. Não se trata de desmerecer outros percursos que também buscam a afirmação da comunicação a partir de um olhar filosófico, a partir do qual se possa instituir teorias, métodos e procedimentos de pesquisas para a área. Trata-se, antes de tudo, de reconhecer que nesta busca Muniz mostra, de forma singular, as conexões de abstrações da primeira manifestação estética de linguagem, que institui o homem na história, à escrita e à escrita como Literatura. Essas conexões, como potencialidade do exercício intelectual para as tentativas de conceitualizações, permitem a compreensão da natureza complexa do problema comunicacional como campo.

A terceira mesa, coordenada pelo Prof. Dr. Massimo Di Felice, discutiu o tema *Percursos epistemológicos contemporâneos na comunicação*, a partir das trajetórias dos professores doutores Ciro Marcondes Filho (Universidade de São Paulo), José Luiz Braga (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucrécia D'Alessio Ferrara (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

*Pelas trilhas do indecifrável da comunicabilidade*, o professor Ciro Marcondes Filho apresenta sua proposta filosófica-crítica na qual defende

o pensamento da comunicação como objeto raramente observável. O autor parte de um questionamento, será que há sempre comunicação? Para Marcondes Filho há uma diferença entre informar e comunicar. *Grosso modo*, informar é um ato de conservação e o comunicar é um ato de transformação, daí sua ocorrência rara, visto que a maioria das ações são informativas. Essa posição filosófico-crítica tem origem na formação alemã deste pesquisador, cuja atuação tem sido demarcada pelo seu trabalho na liderança do FiloCom, grupo que estuda os desafios filosóficos da comunicabilidade contemporânea.

Já o Professor José Luiz Braga, em *Perspectivas para um conhecimento comunicacional*, trata do problema epistêmico da comunicação como campo interdisciplinar e propõe o delineamento de seus objetos a partir da compreensão da “comunicação como contexto das interações”. Nessa demanda haveria lugar para compreensão da comunicação em suas fragilidades e, portanto, como tentativa, algo inconcluso ou inacabado que não permite uma formulação de pensamento definitivo e generalizante da totalidade das suas ocorrências/objetos. Tal perspectiva busca experimentar a possibilidade de uma epistemologia da comunicação a partir do seu caráter indeciso e, portanto, de uma tentativa à construção de um saber comunicacional possível. O Professor José Luiz Braga, ao longo de sua trajetória, demarca uma importante atuação científica e política para a legitimação do campo sendo um dos fundadores da Compós.

Por um caminho distinto e paradoxalmente semelhante ao do Prof. José Luiz Braga, a Professora Lucrécia D’Alessio Ferrara em *Epistemologia da comunicação: asserção e indecisão* também recupera em sua trajetória autorreflexiva a ideia de epistemologia assertiva que confunde o processo comunicacional com seus objetivos empíricos e busca a compreensão de um processo comunicacional indeciso, próximo ao pensamento de José Luiz Braga, em função das fragilidades e dificuldades impostas nos limites da apreensão dos objetos do campo comunicacional e que se referem às questões fundantes do campo, a saber: a comunicação estaria restrita aos fenômenos da mediação dos meios técnicos? É possível comunicar sem transmitir? É possível duvidar a partir de um conhecimento tido como comunicacional? Tais questões, propostas pela autora são complexas e seriam fundantes da conformação científica da Comunicação como campo do saber, pois definem os horizontes políticos, empíricos, éticos/deontológicos do que pode ser objeto deste campo

e da lógica que tal conhecimento pode instituir na vida social como ciência. A Professora Lucrécia Ferrara apresenta sua proposta com olhar interdisciplinar refinado que parte da sua formação em Letras que se acumula à sua experiência na construção de conhecimento na área de arquitetura, mostrando como é possível pensar a epistemologia da comunicação livre da asserção, característica reducionista, que traz limites ao desenvolvimento do campo comunicacional como possibilidade de área de conhecimento.

A última mesa, coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roseli Figaro, apresentou reflexões sobre o tema *Percursos epistemológicos da pesquisa empírica na Comunicação*, tendo como protagonistas o Prof. Dr. Luiz Cláudio Martino (Universidade de Brasília), a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Immacolata Vassallo de Lopes (Universidade de São Paulo) e a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera França (Universidade Federal de Minas Gerais).

Em *Epistemologia da Comunicação: um percurso intelectual*, Luiz Claudio Martino esclarece seu interesse de pesquisa: “Vejo meu trabalho como uma reflexão sobre a singularidade da comunicação moderna, entendida como a intervenção da tecnologia nos processos de comunicação. Um pensamento e um posicionamento sobre a *atualidade mediática*”. A partir dessa afirmação, o autor estabelece a comunicação mediada por técnicas e tecnologias (as mais diversas) como seu objeto de estudo. A discussão e a polêmica dizem respeito a esse objeto científico específico, fundador de um campo científico. Para Martino, estudar a comunicação é estudar as técnicas e as tecnologias e suas características, especificidades e problemáticas.

Fundar uma ciência significa, para Martino, definir seu objeto próprio e com isso seu campo de atuação e de perguntas possíveis de serem respondidas. O autor critica aqueles que fazem da interdisciplinaridade um eixo de definição para o campo da comunicação.

Segundo Martino, na ciência, uma disciplina deve ter sua própria personalidade, objetos e teorias. Tratar da comunicação como um campo interdisciplinar, formado na intersecção de outras disciplinas, a linguística, a sociologia, a psicologia, a antropologia, a filosofia, entre outras, é tergiversar e não esclarecer a questão central a ser problematizada. Nesse sentido, a interação entre sujeitos não é exatamente um problema comunicacional para Martino; poderá sê-lo se a questão for elaborada sobre como os meios de comunicação (as mídias, em seu mais amplo sentido) compõem o comunicacional.

No entanto, é a trajetória intelectual formada na Filosofia e na Psicologia que marca sua abordagem da comunicação. Martino afirma: “Destes estudos de filosofia e psicologia retiro minha compreensão da teoria geral do conhecimento e a base para os conceitos de processo e meio de comunicação”. A Filosofia clássica e o pensamento de Nietzsche vão influenciar sua forma de pensar o objeto comunicacional. Ele analisa, no plano da epistemologia, a insuficiência da teoria Funcionalista e da escola de Frankfurt; propõe a definição de meio de comunicação como objeto técnico cujo produto é a *expressão social da experiência*; e o desenvolvimento do conceito de comunicação no qual o lastro é “*específico e histórico, centrado no avanço tecnológico do século XIX, constituindo um elo social singular*”. Ou seja, o objeto da comunicação são os meios de comunicação e sua condição de produção da expressão social da experiência. Também é a partir dos aportes da Antropologia da técnica, de André Leroi-Gourhan e de Jack Goody, que Martino vai aproximar os meios técnicos da experiência sensível da mente, ou seja, como afirma o autor: a “*formulação do conceito de meio de comunicação como simulação tecnológica da consciência (mente humana)*”. No tocante a essa abordagem, Martino destaca a *reatividade humana* como o que permite a esse meio técnico simular a consciência humana.

Maria Immacolata Vassallo de Lopes em *Um percurso epistemológico para a pesquisa empírica de comunicação* declara o esforço de reflexão e de autoanálise na trajetória teórico-metodológica até então empreendida. A chave de leitura para sua obra é compreender o paradigma que orienta a desconstrução e a reconstrução dos objetos de pesquisa. Sua paixão pela comunicação é dirigida a dois objetos prioritários de estudo: a telenovela e a metodologia. Esse caminho começa a ser traçado nos primeiros momentos do mestrado, com o estudo dos programas de rádio voltados ao público popular e, depois, no doutorado, quando desenvolve sua proposta de um modelo metodológico. Para Lopes, o modelo que propõe: “Persegue o rigor metodológico sem deixar de lado a ‘*imaginação metodológica*’ do ofício de pesquisador”.

Nesse sentido, a pesquisadora faz um esforço para que a reflexão epistemológica esteja articulada ao próprio desenvolvimento dos procedimentos de pesquisa. É no fazer e na reflexão sobre o fazer que se constrói a prática verdadeiramente científica sem que se oblitere o olhar do pesquisador e o contexto de existência e de edificação do objeto científico. O modelo em rede que propõe articula níveis e fases da pesquisa

e dá condições de o pesquisador manter-se em constante “vigilância e autocontrole”. Desse permanente movimento de reflexão epistemológica, segundo a autora, “resulta a *autonomia relativa da pesquisa*”.

Ainda em termos de uma sociologia da ciência, Lopes considera que o conhecimento científico é resultado das condições concretas de sua produção. Aqui a autora nos inspira a problematizar o campo da comunicação a partir do que ela denomina de três contextos de produção: *o discursivo*: “no qual podem ser identificados paradigmas, modelos, instrumentos, temáticas que circulam em determinado campo científico”; *o institucional*: “constituído por mecanismos de mediação entre as variáveis sociológicas globais e o discurso científico e que se realizam como dispositivos organizativos de distribuição de recursos e de poder dentro de uma comunidade científica”; e *o histórico-social*: “onde residem as variáveis sociológicas que incidem sobre a produção científica, com particular interesse pelos modos de inserção da ciência e da comunidade científica dentro de um país ou no âmbito internacional”.

Com esse desenho metodológico, articulado à reflexão epistemológica no quadro mais geral das ciências sociais no Brasil, Lopes volta-se para os estudos da comunicação tendo como objeto privilegiado a telenovela e a ficção televisiva em geral. Suas contribuições para a área são publicações reconhecidas nacionalmente e internacionalmente, sobretudo, na articulação de grupos de pesquisa, configurando redes como o Observatório de Ficção Televisiva Obitel; e o Centro de Estudos de Telenovela (CETVN) da ECA-USP.

A professora e pesquisadora Vera França no artigo *Partilhando experiências: a atração e o desafio da comunicação* declara-se: “fui atraída pelo viés comunicacional, pela maneira como a linguagem, a produção discursiva se insere no âmago das relações, configurando-as, abrindo possibilidades ou afunilando o desafio do encontro com o outro”. É da filosofia da linguagem, a exemplo de Paul Ricoeur, que a autora problematiza a comunicação como *paradoxo* entre a *transgressão* dos limites e a distância *intransponível* entre o eu e o outro. Suas primeiras influências, ainda em um período de desenvolvimento inicial do pensamento comunicativo na América Latina, foram: “o pensamento crítico da Escola de Frankfurt, a Teoria da Dependência, a matriz dialógica de Paulo Freire, aos quais aproximou autores como Armand Mattelart, Luiz Ramiro Beltrán, Antonio Pasquali, Héctor Schmucler, entre outros”.

Mais adiante, num processo de amadurecimento intelectual e de seu perfil de pesquisadora, França depara-se com a dificuldade de entender o que é *comunicação*, para além de uma abordagem dual: ou funcionalista ou “crítica”. E afirma: “Dei-me conta de que o desafio não era apenas buscar formas de estudar o que é a comunicação, mas também de compreender como ela é estudada, e identificar as incidências que diferentes teorizações produzem na apreensão desse objeto de estudo.” Suas escolhas teóricas foram se configurando pelos desafios da pesquisa empírica na medida em que foi se dando conta “dos riscos de ir a campo dotada de convicções fortes e teorias muito definidas”.

Esse aprendizado faz com que Vera França se aproxime de teóricos franceses que se revelarão importantes para direcionar seu olhar aos objetos de pesquisa da comunicação. A obra de Michel Maffesoli permitiu-lhe abrir-se para a “força do relacional e do sensível como elementos centrais na construção da abordagem metodológica”; e, assim como, a colaboração com Maurice Mouillaud lhe permitiu chegar “ao viés do acontecimento” como “um conceito” que se revela “significativo” para a pesquisa. Além deles, Roger Chartier – história cultural – e Patrick Charaudeau – Análise do Discurso –, formam um quadro de referência que lhe permite aprofundar suas reflexões sobre o comunicacional.

Dessa forma, França vai construindo um caminho de pesquisa que lhe possibilita a “crítica epistemológica ao modelo transmissivo” e lhe orienta a “apreender a complexidade da prática, a globalidade dos fenômenos analisados”. Ao apropriar-se de “um paradigma de apreensão da dinâmica comunicacional inscrita no fenômeno”, França traz para suas pesquisas o “conceito de interações comunicativas, ou modelo relacional da comunicação – perspectiva que desde então vem orientando [seus] trabalhos”.

Dessa forma, as problematizações sobre o campo da comunicação e seus objetos de pesquisa estão demarcadas, para Martino, pela especificidade das tecnologias e das mídias e a potencialidade delas de simular a consciência humana. Para Lopes, os contextos de produção de uma ciência e suas especificidades estão relacionados à potencialidade da construção dos objetos científicos, a partir de reflexões epistemológicas que articulam o campo da comunicação, como campo científico, no contexto de produção do discursivo, do institucional e do histórico-social. E, para Vera França, o objeto comunicacional é compreendido por meio da problematização da comunicação como acontecimento e interações a ser estudado por meio de

um modelo relacional. As três abordagens no que têm de distantes, têm de relevância ao nos permitir constatar a maturidade das reflexões e a qualidade do conhecimento produzido sobre as ciências da comunicação.

As trajetórias dos doze pesquisadores e as discussões ocorridas nas mesas do *II Seminário Nacional de Epistemologia da Comunicação* demonstram na *práxis* e pelos recortes e opções teórico-metodológicos que o campo das Ciências da Comunicação no Brasil está em plena evolução, buscando a necessária adequação aos novos tempos em que a comunicação assume um protagonismo multi e transdisciplinar na sociedade.

A área, com base nas autorreflexões apresentadas, parece manifestar dois aspectos importantes de seu estágio atual: a) o campo tem buscado perseguir seus objetos diversos a partir de problematizações de pesquisas que garantam a especificidade da comunicação. Isto é, a natureza do problema é que dá o caráter de pesquisa em comunicação aos seus objetos e não o *corpus* empírico por si mesmo; b) em função disso, percebe-se que a área, entre seus pesquisadores destacados, já apresenta profundos sinais de que as pesquisas no campo não são apenas multidisciplinares (trazendo o conhecimento de outras áreas de saber/disciplinas aplicadas aos objetos da comunicação), assumindo de fato a natureza complexa de seus objetos, por problematizações na perspectiva inter e transdisciplinar, isto é, a comunicação como elemento resignificador de outros saberes, a partir de suas problematizações específicas.

O Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo – PPGCOM-USP espera, com a sistematização do seminário aqui apresentada em livro, contribuir para a multiplicação dos debates e para a contínua evolução e atualização de nosso campo de atuação.